

A CIDADE DE OLÍMPIA

(Estudo de geografia urbana)

E. GOULART PEREIRA DE ARAUJO

Surgida há meio século, "bôca de sertão" há 30 anos, a cidade paulista de Olímpia encontra-se numa fase de "maturidade", estabilizada em seu crescimento. O fenômeno não constitui exceção em nosso Estado, onde a franja pioneira costuma caminhar em ritmo acelerado, deixando atrás de si núcleos urbanos precocemente amadurecidos. Daí o interesse do presente trabalho, apresentado à VI.ª Assembléia Geral Ordinária da A.G.B., reunida em Nova Friburgo (janeiro de 1951). Sua autora, sócio cooperador da seção paulista, após elaborar um estudo a respeito das paisagens rurais da região de Olímpia (publicado em o n.º 5 do Boletim Paulista de Geografia, julho de 1950), dedicou sua atenção à geografia urbana daquela cidade do norte de São Paulo.

Ascensão e declínio, em meio século de existência. — Pretendemos, neste pequeno trabalho, mostrar alguns aspectos da evolução e da vida de uma cidade, modesta quanto à população e às suas funções, mas que retrata o nascimento e o estágio de muitas outras do Estado de São Paulo, surgidas a partir de fins do século passado.

A cidade de Olímpia, séde do município do mesmo nome, é um dos inúmeros centros urbanos do interior paulista, cuja história data apenas de meio século. Fundada por volta de 1902, Olímpia, a exemplo de muitas outras, já passou por tôdas as fases que se observam na vida de uma cidade: simples *aglomerado* de pioneiros, com seu casario de madeira ou de pau-à-pique, na primeira década do século atual; *vila* em pleno desenvolvimento, a partir de 1910; ganhando foros de *cidade* em 1917, em virtude da criação do município, Olímpia, por volta de 1920 era um centro próspero, com o aspecto característico das chamadas "cidades novas", sempre movimentada pela chegada de forasteiros e colonos. À medida que o grande "rei" da nossa economia — o café avançava, acompanhando os trilhos da estrada de ferro, crescia o aglomerado urbano, com um comércio já assentado em bases sólidas.

Entretanto, êsse surto de prosperidade durou pouco; como tantas vêzes tem acontecido em nosso Estado, se o café costuma trazer movimento e riqueza para as zonas pioneiras, tais vantagens não são duradouras, uma vez que, devido ao método de cultivo da rubiácea, as terras, não sendo das melhores (apesar das idéias populares em contrário), em pouco tempo se exaurem, tornando assim as lavouras deficitárias. Desde que baixe a média de produção, inicia-se um período de marasmo, sinão de decadência da zona, refletindo imediatamente no centro urbano.

Olimpia não poderia escapar a essa triste história da economia paulista, pois não pôde contar com as vantagens de uma situação geográfica privilegiada, como Ribeirão Preto, Baurú ou São José do Rio Preto, para combater a ruína de seus cafezais. Se não entrou em decadência, como inúmeras de suas irmãs de outras áreas, contudo, estabilizou-se, deixando de possuir aquela ânsia de progresso conhecida na década de 1920-30.

Eis mais um exemplo da falta de apêgo ao sólo do paulista. Uma zona, com apenas meio século de exploração, já deixou de ser ponto de atração para o povoamento, para se tornar centro de emigração. A cidade de Olimpia mostra-nos perfeitamente êste fato.

Um sítio inexpressivo. — Criada "artificialmente", Olimpia não dispunha de elementos físicos que atraíssem a atenção de seus fundadores, salvo a existência de um córrego e de alguns olhos d'água no local escolhido para o seu levantamento. As condições de topografia, os problemas da água, as facilidades naturais de comunicação, nada disso tinha um caráter excepcional no lugar da futura cidade: Tais condições eram comuns para tôda uma vasta área, de modo que a escolha foi motivada por fatores de ordem puramente pessoal. A paisagem é uma só por tôda a parte: uma sucessão de colinas suavemente onduladas, com altitudes médias de 500 metros, separadas por vales de vertentes em V aberto (1). É isso o que se verifica também no perímetro abrangido pela cidade. Esta se estende pelas duas vertentes do córrego Olhos D'água, não ultrapassando os espigões, a não ser esporadicamente.

(1) É esta uma pequenina porção do Planalto Ocidental paulista, constituída de arenito Baurú, sem qualquer efeito superficial dos derrames basálticos encontrados em outras zonas desta mesma grande região do Estado de São Paulo. Devido à natureza da rocha dominante na zona de Olimpia, a topografia chega a ser monótona, tal a repetição de seus traços.

Tôda a região está inteiramente humanizada, aproveitada para campos de cultura ou de pastagens, nada restando da antiga floresta que a recobria. A existência desta floresta estava condicionada aos característicos climáticos ali reinantes, isto é, um clima quente e úmido; aliás, a unidade da região parece ter-se modificado um pouco com a destruição das matas, tornando-se menor, ou pelo menos reduzindo-se o período das chuvas, conforme se deduz das informações dos moradores mais antigos.

Superpondo-se o traçado em xadrês da cidade sobre esta topografia inclinada para o leito do córrego, resultou que as ruas que lhe são transversais possuem ladeiras acentuadas, enquanto que as paralelas são quasi planas (foto 1).

O córrego Olhos D'água, apesar de seu pequeno volume e modestas dimensões, oferece cheias de tipo torrencial, quando as chuvas são particularmente abundantes, sobretudo em suas cabeceiras, cêrca de 20 km a montante. Dividindo a cidade em duas partes, quando sobrem a rápida subida das águas (que chegam a alcançar quatro ou cinco metros acima do nível normal), ficam elas sem comunicação entre si, além do que se vêm destruídas ou danificadas as edificações e culturas próximas, assim como as pontes. Desde há poucos anos têm sido realizados trabalhos destinados à retificação do leito do ribeirão, procurando com isso atenuar estas cheias.

Apesar de pequenino, o Olhos D'água teve papel importante na fundação da cidade; foi às suas margens que se fixou o pioneiro desbravador de matas e, posteriormente, serviu de eixo para o traçado da rede de ruas do aglomerado urbano.

Se, de início, o homem estabelecido no local da futura Olímpia conseguia com facilidade a água para o seu consumo, fornecida pelo próprio ribeirão em cujas margens se fixara e pelas pequenas fontes próximas (e daí o nome córrego Olhos D'água), quando cresceu a aglomeração urbana surgiu o grave problema do seu abastecimento pelo precioso líquido.

Olímpia luta para obter a água, o que é feito de modo mais imperfeito possível. Como em quase tôdas as cidades do planalto sedimentar, não é fácil conseguir água potável em quantidade suficiente, fato que não se vê nas zonas cristalinas, onde a água, além de existir em maior quantidade, é de muito melhor qualidade.

É imprescindível o tratamento das águas, antes de encaminhá-las ao consumo, e, no entanto, Olímpia não dispõe dêste serviço. Não havendo fontes bastante volumosas, o recurso foi captar a água diretamente em córregos impuros. O resultado é que o olímpense retira de suas torneiras um líquido pesado, turvo, carregado de materiais terrígenos e, o que é pior, de uma fauna microscópica numerosa. A consequência imediata do não tratamento da água foi o aparecimento da exploração de algumas pequenas minas, existentes próximas à cidade, para o fornecimento de água potável às classes mais abastadas; a venda é feita em carroças com recipientes especiais, em número de duas, que percorrem o centro urbano durante o dia todo. Os homens que a distribuem são chamados popularmente "agüeiros".



Foto n.º 1 — Nesta fotografia, tomada na Rua 9 de Julho, vê-se perfeitamente o forte declive das vertentes do córrego Olhos D'água. Ao fundo, fechando a rua, a estação da estrada de ferro (Foto Abe).



Foto n.º 2 — A face norte da cidade de Olímpia, trecho em que as construções novas se agrupam nas imediações do Estádio, que se vê no centro da fotografia. Logo atrás das últimas casas, começa a região rural, onde o traço característico é a ausência da primitiva floresta, substituída hoje por eucaliptais (Foto Abe).

O problema é grave e precisa ser resolvido com urgência pelos poderes públicos. A grande incidência de moléstias intestinais, principalmente nas crianças, é devida sobretudo à água, condenada para o consumo, e, no entanto, aproveitada. A solução ideal seria a perfuração de poços artesianos, que dariam um líquido puro e cristalino (2); se a Prefeitura não pode no momento arcar com as despesas de sua abertura, que ao menos procurasse tratar as águas superficiais, tornando-as mais apropriadas ao consumo.

O motivo da escolha do atual sítio da cidade prende-se a fatores de ordem puramente humana, dissemos de início; córregos como o Olhos D'água existem muitos por toda a região. No entanto, junto dele havia, desde meados do século passado, as benfeitorias de uma imensa gleba de terras, de propriedade de Antônio Joaquim dos Santos. Era este um mineiro de Caldas, que, com a família de cinco membros e mais 60 escravos, se embrenhara pelo sertão de São Paulo para abrir fazenda em terras indevassadas. Registrava-se, com ele, mais um exemplo daqueles pioneiros que saíam, principalmente de Minas Gerais, a abrir picadas no meio da mata, estabelecendo-se longe dos centros povoados, preparando o caminho para o avanço da civilização sobre áreas até então praticamente desconhecidas.

Parando às margens do Olhos D'água, ali construiu uma grande casa de pau-a-pique coberta de sapé, não longe da qual foi aberto um cemitério, hoje ocupado por uma das praças de Olímpia, a de Nossa Senhora da Aparecida. Esta primitiva ocupação foi que deu ao local o seu primeiro nome — o de *Tapirão*, acabando por levar os fundadores a escolher aquele trecho para traçar a futura cidade; levantando-a junto ao velho cemitério, homenageavam a memória dos antigos moradores da região.

Restou um problema a resolver: deveria o xadrez das ruas cobrir todo um espigão, confinando seus limites com os dois córregos de que aquele era o divisor, ou colocá-lo nas duas vertentes do ribeirão Olhos D'água? Decidiram-se os interessados por esta última solução, em vista da maior facilidade do escoamento das águas, de que o Olhos D'água seria o eixo.

A necessidade da criação de um núcleo urbano. — A ocupação do solo e a devastação das florestas, que cobriam toda a região, foram realizadas, como vimos, por elementos vindos de Minas em meados do século passado; sem comunicações com cidades próximas, no caso Jaboticabal, que era uma das "bocas do sertão" da época, tiveram que levar uma vida quase primitiva, bastando-se

(2) Os poços artesianos são perfeitamente viáveis na região, uma vez que, entre as camadas permeáveis de arenito, apeteem verdadeiros bancos argilosos, onde a água fica retida sob a forma de extensos lençóis subterrâneos.

a si próprios e sem poder incrementar a agricultura, por não haver escoamento possível à sua produção (3).

Com a instalação de caminhos para tropas ou carros de bois, ligando a região às vilas e cidades mais acessíveis, várias fazendas foram abertas pelos descendentes de Antônio Joaquim dos Santos e por elementos adventícios. Assim, no princípio deste século, tornou-se necessária a criação de um pequeno núcleo, onde os fazendeiros pudessem fazer suas compras, evitando as longas viagens a Barretos, São José do Rio Preto ou Jaboticabal.

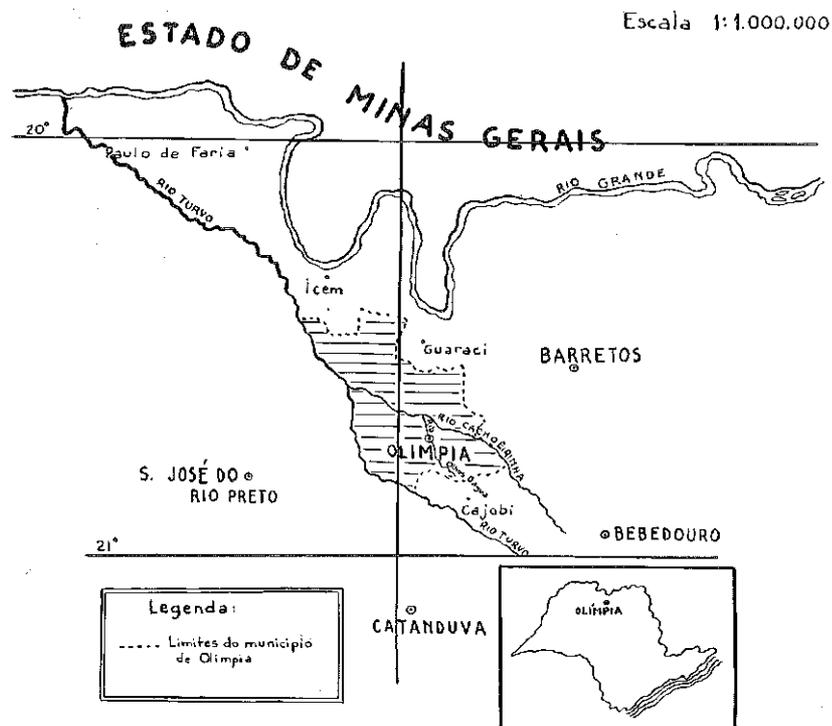
Reuniram-se os fazendeiros interessados, cada um dos quais contribuiu com pequena porção de terras, resultando a formação do patrimônio de *São João Batista*, com uma área de 100 alqueires, que passou a ser administrado pelo Bispado de São Carlos. A 3 de maio de 1902, ergueu-se um cruzeiro, quase às margens do córrego Olhos D'Água, como marco da fundação da cidade e, em 1905, inaugurou-se a primeira igreja, em meio de grande regosijo popular.

Escolhido o local para o levantamento da cidade, foram convidados o engenheiro John Reid, para realizar a medição das terras, e Guilherme Lebarrow para traçar o plano da nova "urbs". O plano adotado foi o em xadrês, com as ruas cortando-se em ângulo reto e as quadras tôdas da mesma dimensão, como é comum nas cidades novas de São Paulo; a confecção da planta data de 1906.

Olímpia é mais um exemplo das muitas cidades paulistas nascidas sob a invocação de um santo, pelo sistema de patrimônio, hoje fóra de uso. No entanto, embora surgindo à moda antiga, Olímpia cresceu como as cidades pioneiras, graças à estrada de ferro, que poucos anos depois caminhou em sua direção, atraindo elementos de fora e incentivando a exploração rápida do solo.

Evolução da cidade. — Não se pode comparar o crescimento de Olímpia com o de Marília, Londrina ou Baurú, que foi simplesmente vertiginoso; em uma dezena de anos estas cidades firmaram-se e tornaram-se grandes centros, não só por sua influência sobre regiões mais afastadas, como pela própria fisionomia da cidade, com prédios modernos e suntuosos, ruas bem cuidadas, demonstrando uma grande vitalidade. O desenvolvimento urbano de Olímpia foi mais modesto, embora seu meio rural se valorizasse,

(3) Depois de publicado nosso trabalho sobre *Alguns aspectos da paisagem rural no município de Olímpia*, no "Boletim Paulista de Geografia", n.º 5, julho de 1950, viemos a obter dados mais seguros a respeito da primeira penetração na região. O Dr. Bianor Medeiros, advogado em Olímpia, que vem realizando exaustivo trabalho de pesquisa sobre as origens do povoamento da região, mui gentilmente nos cedeu alguns desses dados ainda inéditos. Como são resultado da busca em arquivos e do exame de documentos, merecem todo crédito, o que não aconteceu com as informações por nós obtidas em 1948, resultado da tradição oral guardada, nem sempre com fidelidade, pelas pessoas idosas.



POSIÇÃO DA CIDADE DE OLÍMPIA

sobretudo a partir de 1910, quando liberou-se a cultura do café, proibida até então. É que a cidade nasceu entre três centros muito próximos e que desempenhavam o papel de pequenos núcleos abastecedores das áreas vizinhas: São José do Rio Preto, Bebedouro e Barretos. Olímpia encontrou pela frente uma área menor para expandir sua influência (vide mapa nº 1).

Pelo mapa nº 2, pode-se acompanhar com facilidade o crescimento da área urbana de Olímpia. Naturalmente, no início de sua vida, o casario se aglomerava próximo à igreja erguida à meia encosta; era o Largo da Matriz e suas proximidades o trecho mais edificado da então *Vila Olímpia* (4), com suas construções de madeira e de pau-a-pique (5).

(4) O nome primitivo da povoação fôra *São João Batista dos Olhos D'água*, e, só quando elevada a distrito de paz, em 1906, tomou o nome de *Vila Olímpia*, dado em homenagem à filha do Dr. Antônio Olímpio, chefe político da zona.

(5) A terceira casa de tijolos construída na cidade data de 1908 e existe até hoje, conservando o mesmo aspecto de então, com seus beirais e com esteios de madeira a servir de estrutura.

Uma segunda etapa do crescimento da vila começou com a chegada da estrada de ferro, quando foi ocupado novo trecho nas proximidades da estação. A ferrovia "São Paulo-Goiás", começada em Bebedouro em 1909, só em 1914 chegou à Olímpia, demandando a fronteira de Minas, até onde, aliás, não conseguiu chegar (6). A estrada de ferro teve, na época, uma importância capital, atraindo o povoamento, tornando fácil o escoamento da produção agrícola de uma grande área e enriquecendo naturalmente o pequenino núcleo que se destinava a ser cidade.

Com a localização da estação na vertente oposta àquela em que se vinha desenvolvendo a vila, criou-se daquele lado uma espécie de bairro operário. Ali foram se estabelecer as máquinas de beneficiar café e cereais, os armazéns e salões de catação de café (7) e também a parte mais pobre da população. Este trecho poucas modificações sofreu com o decorrer dos anos; possui ainda um número menor de edificações, casas mais modestas e continha sem calçamento, a não ser as ruas de ligação com o centro, que foram mais bem cuidadas.

Ao mesmo tempo, o "centro" da cidade se ampliava, espalhando-se as casas ao longo da rua que ia ter à estação (atual Nove de Julho).

A partir da chegada da estrada de ferro, o crescimento foi se fazendo de modo ininterrupto. O impulso dado à vida local, com a utilização da ferrovia, tornou possível o desmembramento do distrito, até então pertencente a Barretos: em 1917 criou-se o município, instalando-se pouco depois, em 1919, a comarca de Olímpia.

Em 1925 (8), o casario da cidade se adensava entre as ruas Américo Brasiliense, Bernardino de Campos, Síria e Joaquim Miguel dos Santos, trecho que já estava completamente construído; acompanhava a rua que ia ter à estação, em cujos arredores encontrava-se outro núcleo mais denso. No resto, havia já muitas construções, embora esparsas.

O ano de 1935 marca o começo da ocupação de nova zona dentro do perímetro urbano, com o início das obras para a construção do belo prédio do Grupo Escolar, à avenida 15 de Novembro. A partir desta data, a área da cidade foi se estendendo

(6) Embora com o nome "São Paulo-Goiás", esta estrada de bitola estreita morreu ao atingir Nova Granada, para onde desviara sua rota, depois de apenas 120 km de percurso. Atualmente, extinguiu-se a companhia, encampada pela "Cia. Paulista", que realizou vários melhoramentos que se faziam necessários, inclusive o trabalho de empedramento do leito e substituição das velhas locomotivas.

(7) Os grandes salões, onde trabalhavam dezenas de moças, selecionando o café antes do ensacamento, retirando os detritos acumulados com a colheita e com o beneficiamento, desapareceram, pois o café é colhido com mais cuidado e melhor beneficiado.

(8) Tomamos esta data apenas porque pudemos compulsar uma vista panorâmica da cidade, obtida em 1925, que nos permitiu colocar em mapa a área então ocupada.



Foto n.º 3 — O trecho sudeste da cidade, zona pobre e pouco edificada (Foto da autora).

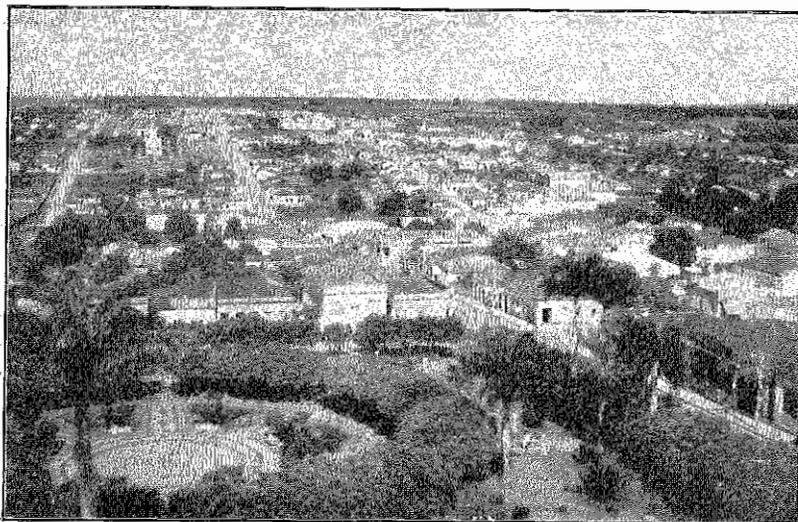


Foto n.º 4 — Vista tomada da torre da igreja matriz, mostrando, no primeiro plano, a Praça Rui Barbosa, no centro da cidade, e, no segundo plano, o bairro da Estação, com suas máquinas de beneficiamento. Fora deste núcleo mais denso, rareiam as casas. Notar a suavidade da topografia, que se prolonga indefinidamente (Foto Gigliotti).

para além da avenida, atingindo o limite traçado para a zona urbana.

É interessante assinalar-se o fato de que Olímpia só se desenvolveu dentro da mesma planta traçada em 1906; paulatinamente conseguiu ocupar o quadrilátero marcado pelas avenidas Paulista e Internacional e ruas Benjamin Constant e Caetano Gotardi, embora certos trechos continuem pouco aproveitados. É o que se vê na face sudoeste da cidade, onde as casas rareiam, ou nas proximidades do Olhos D'água, logo que penetra no perímetro urbano, que permaneceu sem construções.

O ritmo do crescimento de Olímpia esteve quase paralizado durante todo o período da última guerra, quando o número de construções caiu de 81, em 1939, para 14, em 1943 (9). Com oscilações, veio novamente aumentando o índice das edificações e, em 1950, grande foi o número delas. Uma verdadeira "febre" de construções tomou a cidade ultimamente, pois em 1950 foram licenciadas na Prefeitura 87 casas, sendo 62 residências de tipo popular, financiadas pelo governo municipal. Com esse impulso, procedeu-se ao loteamento de quatro novas áreas, agora fora do limite urbano primitivo: uma colocada entre o campo de aviação e a avenida Paulista (*Vila Rodrigues*); outra próxima ao cemitério (*Vila Ferreira*); a terceira, junto à saída para Bebedouro (*Vila São José*); e a quarta, na saída para Barretos, em terras da fazenda Santa Fé (*Vila Cisoto*). As três primeiras "vilas" estão fadadas a um desenvolvimento mais rápido que a última, pois esta não só fica mais longe do centro, como está situada no trecho da cidade que menos evoluiu. Além de um certo número de prédios levantados nestas novas áreas, principalmente na Vila Ferreira, onde a Prefeitura vem financiando a construção de casa populares, de aspecto modesto, os restantes vão sendo feitos indistintamente pela cidade, aproveitando-se terrenos baldios ou os grandes quintais de antigamente; de preferência é ocupada a colina à margem esquerda do ribeirão.

Atualmente, Olímpia é uma cidade pequena, com uma população que não se destaca no conjunto das cidades paulistas. Se conta apenas com 9.593 habitantes (10) e se o aumento dessa população tem sido muito lento (em 1940 possuía 8.694 habitantes), a fisionomia da cidade vem se transformando graças à iniciativa do poder público. Desde 1920, conta com a energia elétrica fornecida primitivamente por uma máquina a vapor e, posteriormente,

(9) Nestes dados, fornecidos pela Prefeitura Municipal, estão incluídas as reformas havidas nos prédios, de modo que o número de construções novas é realmente menor que a cifra indicada.

(10) Dados provisórios do recenseamento de 1950, obtidos na Agência Municipal de Estatística e compreendendo a soma das populações urbana e suburbana. Infortunadamente, não nos foi possível obter dados de outras épocas, a não ser estimativas sem base.

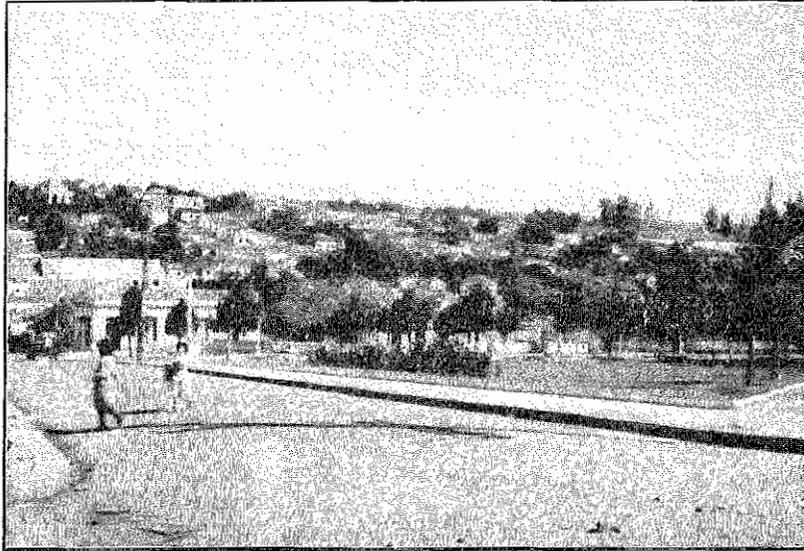


Foto n.º 5 — Nesta foto, vê-se parte da cidade de Olímpia cobrindo a encosta de uma colina, descendo até o fundo do vale, para subir na outra vertente. Avistam-se a praça da Matriz, à esquerda da fotografia, e trechos residenciais da cidade, à direita (Foto de autora).

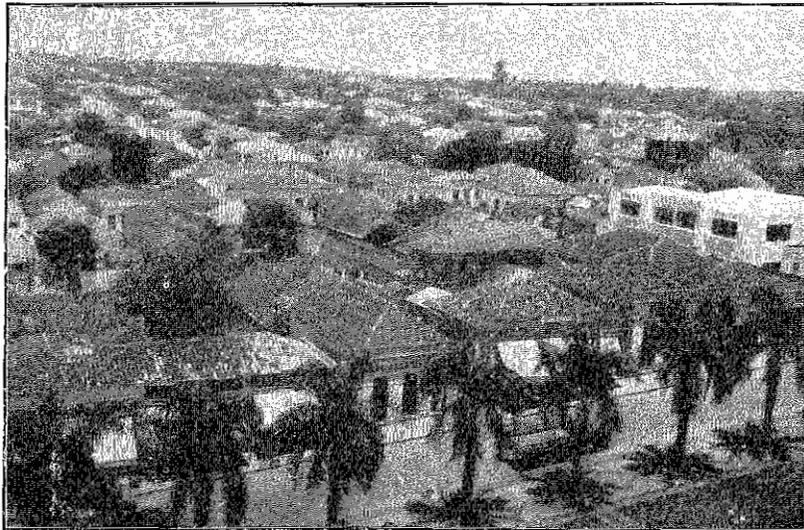


Foto n.º 6 — A parte nova da cidade ao fundo, onde o casario ostenta os telhados mais claros, mergulhados entre a vegetação de quintais e jardins. A esquerda e no segundo plano, o prédio do Grupo Escolar, que levou a cidade a se estender para o lado sul.

pela usina da cachoeira do Marimbondo, no rio Grande. Em 1926, instalaram-se os serviços de águas e esgotos embora não abrangendo toda a área urbana. A partir de 1939, iniciou-se o trabalho do calçamento das ruas, sendo beneficiadas somente a parte central e as ruas de acesso à estação; o serviço não foi continuado devido à dificuldade na obtenção da pedra, que a distância encarecia muito.

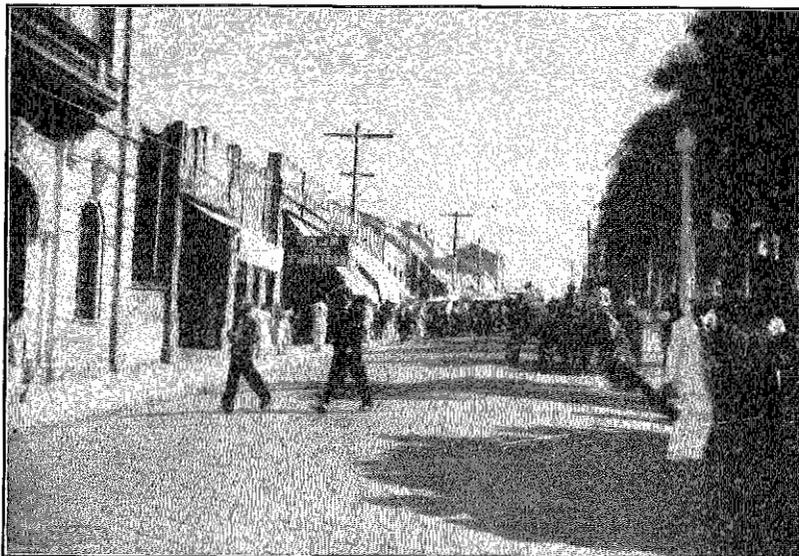
Um retrato da cidade. — Pode-se perceber dentro do perímetro urbano uma certa diferenciação em “bairros”, caracterizados pela ocupação de seus habitantes, embora seja difícil estabelecer limites. A vertente à direita do ribeirão Olhos D’água, inegavelmente é a área de gente mais modesta; localizam-se ali o bairro da *Estação*, com suas máquinas de beneficiamento e armazens, e o bairro do *Pito Accso*, a sudoeste da cidade, com uma população pobre, que, assim como a da periferia da zona urbana, se dedica aos misteres mais humildes, sem ocupação fixa, trabalhando às vezes nas fazendas vizinhas, principalmente na época da colheita do algodão. À margem esquerda do Olhos D’água, encontram-se o *centro comercial* e os trechos residenciais. Além das casas dedicadas ao comércio, junto às quais está quase sempre a moradia dos proprietários, situam-se no trecho comercial também os edifícios e serviços públicos, as casas de diversões, os consultórios daqueles que se dedicam a profissões liberais; esta área pode ser enquadrada pelas ruas Síria, Floriano Peixoto, General Osório e avenida 15 de Novembro.

Os arredores do Grupo Escolar e Beneficência Portuguesa são os trechos exclusivamente residenciais. A faixa que olha para o sul, a partir da avenida 15 de Novembro e rua São João, até o Olhos D’água, é ocupada por casas residenciais de nível modesto.

Nas saídas da cidade, percebe-se no mapa nº 3, há pequenos núcleos comerciais, onde predominam as lojas de secos e molhados, ferragens, louças e botequins.

O trecho banhado pelo córrego Olhos D’água contém *hortas*, que fornecem legumes e verduras à população da cidade. Quase todas pertencem a japoneses, que iniciaram sua vida trabalhando na roça e que, depois, se mudaram para a cidade, comprando ou arrendando as terras para se dedicar à horticultura. Nas hortas, trabalham os próprios membros da família e, quando muito, dois empregados; a venda da produção é feita diariamente pelos horticultores, que percorrem a cidade (11). As instalações nas propriedades são simples, nada havendo de particular: casas de tijolos

(11) Como é fácil à população comprar os legumes, verduras e frutas diariamente à porta de suas casas, a Feira Livre, realizada duas vezes por semana, é muito pouco variada e concorrida. Pelo mesmo motivo, não há Mercado na cidade.



Fotos n.º 7 e 3 — Duas fotografias, que mostram o movimento das ruas aos sábados, dia de compras do pessoal da roça. Na primeira, um trecho da Rua São João e, na segunda, um aspecto da praça da Matriz, onde se localizam casas de comércio dos mais variados ramos (Foto Abe).

e telhas, barracões para depósito dos instrumentos e materiais de trabalho, cisternas para fornecimento de água, uma vez que não é aproveitada a do córrego, mais difícil de ser elevada até os canceiros.

Os japoneses, que se ocupam na horticultura, não têm estabilidade, tanto quanto os que labutam nas terras arrendadas para a cultura de algodão ou cereais; assim que conseguem um pequeno capital, trocam o trabalho da terra pelos afazeres urbanos.

A função comercial — Não só pelo seu aspecto, Olímpia merece o nome de cidade, pois, embora com tamanho e população modestos, as funções por ela realizadas são tipicamente cidadinas.

O órbita de influência de Olímpia é pouco extensa, esbarrando logo com as de outras cidades mais importantes (São José do Rio Preto, Catanduva, Bebedouro, Barretos, como se vê no mapa nº 1). Seu raio de ação fica restrito a uma área rural, que se confunde quase com a própria área do município e da qual a cidade é a abastecedora e o centro mercantil (12). Vivendo em íntimas relações com a vida agrícola do município e de outros pequenos municípios vizinhos, Olímpia desempenha uma função comercial, a mais importante delas. É preciso não nos esquecermos de que a sua função administrativa, como sede de município e de comarca, veio incentivar a função comercial, enfeixando na cidade os interesses públicos e financeiros dos 38.505 habitantes do município.

É justo que, como consequência da atividade comercial, sejam numerosos os estabelecimentos dedicados aos mais variados ramos de negócio (13). A carta funcional mostra-nos a localização desses estabelecimentos, formando um núcleo comercial no centro da cidade, nas ruas São João, 9 de Julho e Jorge Tibiriçá.

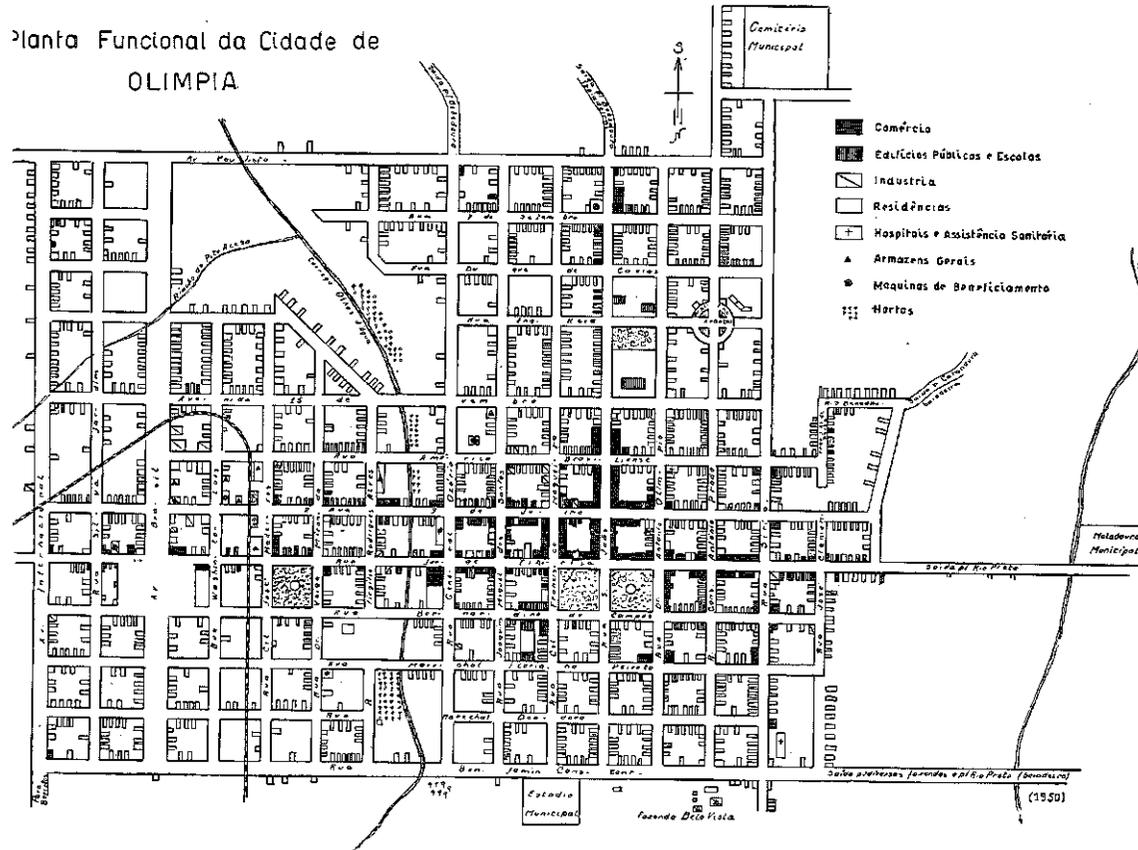
Se, durante a semana, o movimento das ruas é relativamente pequeno, aos sábados torna-se ativo, tendo as lojas, armazéns, casas de ferragens, padarias, bares, etc, uma desusada frequência; é este o dia em que o pessoal dos sítios e fazendas vem fazer suas

(12) Integrada na órbita de Olímpia não encontramos nenhuma cidade, pois *Cajobi*, embora sede de município, não preenche as verdadeiras funções exigidas para um centro urbano. Mesmo *Guaraci* não merece o nome de cidade.

(13) Pelos dados fornecidos pela Agência Municipal de Estatística, em 1950 assim se discriminavam as casas comerciais de Olímpia:

Açougues	7	Postos de gasolina e acessórios para autos	6
Bares e cafés	20	Rádios, goadeiras	4
Botequins	25	Relojarias	5
Casas de calçados	8	Restaurantes	6
Casas de tintas	1	Secos e molhados	22
Farmácias	14	Selarias	5
Louças e ferragens	16	Sorveterias	12
Padarias	6	Tecidos e armarinhos	30
Livrarias e paparias	5	Hotéis e pensões	14
Mercearias	4		

Planta Funcional da Cidade de
OLÍMPIA



PLANTA FUNCIONAL DE OLÍMPIA

compras na cidade, utilizando-se de vários meios de transporte — cavalos, “charretes”, carroças, caminhões, “jardineiras.”

Olimpia não é, porém, simplesmente a abastecedora da zona rural; funciona também como centro negociante e exportador de grande parte da produção agrícola da região próxima. Daí, a existência dos grandes armazéns para depósito de cereais, café e algodão, e das máquinas de beneficiamento destes mesmos produtos.

Como mercado de uma zona rural rica, onde é variada a exploração do solo, com a cultura de café, de arrôz, algodão, milho e a criação de bovinos e porcos, é natural que a cidade, apesar de pequena, possua seis bancos. Infelizmente não pudemos obter dados do movimento bancário, mas é ele feito em função das atividades da lavoura e da pecuária (14).

A vida comercial de Olimpia não depende de um único centro. Vai ela buscar as mercadorias consumidas pela população local em várias cidades. Isso mostra que o núcleo urbano não está preso a nenhuma órbita de influência das cidades vizinhas, escapando até mesmo da de São José do Rio Preto, a capital regional do noroeste do Estado de São Paulo. Ribeirão Preto, São José do Rio Preto e São Paulo são os grandes fornecedores dos estabelecimentos comerciais da cidade.

A venda da produção cafeeira do município faz-se diretamente em Santos, através das casas comissárias. O gado internado ou criado em suas pastagens destina-se a Barretos, que indiscutivelmente concentra em si, graças aos frigoríficos ali existentes, toda a atividade pastoril do centro-norte do Estado de São Paulo e mais as do Triângulo Mineiro, sul de Goiás e Mato Grosso.

As atividades industriais são de pequena importância, com indústrias ligadas às atividades rurais, ou constituída de pequenas fábricas, que se destinam a alimentar o consumo restrito da região. Pelo fato de trabalharem nestes estabelecimentos os próprios membros da família ou um número diminuto de operários, a sua existência não imprime nenhuma fisionomia particular à cidade (15).

(14) Só depois de Olimpia ter-se tornado município, chegaram os primeiros bancos: o “Comercial do Estado de São Paulo” instalou sua agência em 1922, seguido do “Comércio e Indústria” em 1923. Em 1928 abriu-se a agência da “Casa Bancária Antonio de Queiroz”; só bem mais tarde, durante o período da guerra de 1939—45, naturalmente devido à grande especulação reinante, outros bancos criaram agências em Olimpia; em 1941, o Banco do Estado de São Paulo e em 1942 os Bancos “Mercantil” e “do Brasil”.

As Coletorias Estadual e Federal datam de 1914 e a Caixa Econômica Estadual, de 1920. Não tem esta carteira de crédito agrícola, mas o montante dos depósitos realizados totalizava, em 1950, a quantia de Cr\$ 16.328.766,90.

(15) Assim podemos enumerar as indústrias olimpienses: 1 fábrica de manteiga, 5 serarias, 1 fábrica de doces, 1 de massas alimentícias, 1 torrefação e moagem de café, 1 fábrica de sabão, 4 de ladrilhos, 6 de móveis, 3 de bebidas, 5 fábricas de veículos, 3 serarias, 3 fábricas de colchões.

Relações da cidade com a região vizinha. — Uma estrada de ferro de bitola estreita e várias linhas de ônibus são os meios que proporcionam à cidade união mais estreita com as regiões vizinhas (16).

As estradas percorridas pelas "jardineiras" (como são chamados os ônibus no interior paulista), dentro do município, são bem tratadas; no geral, dão passagem o ano todo, mesmo no período das grandes chuvas de verão, o que já não acontece nos municípios vizinhos, de modo que, às vezes, as comunicações interrompem-se por vários dias, quando as chuvas contínuas tornam as estradas um verdadeiro lamaçal. Estas vias requerem um cuidado constante; o solo arenoso, inconsistente, extremamente vulnerável à ação das águas, torna o leito das estradas uma sucessão de valetas, buracos e barreiros, se não forem constantemente trabalhadas. A manutenção das pistas, que ficariam melhor se pedregulhadas, é difícil devido à inexistência de pedreiras na região. O único processo utilizável é a cobertura do leito, nos trechos mais inclinados ou mais úmidos, com fragmentos de limonita, o material mais resistente da região, encontrado em leitos de cascalhos ou em bancos.

A estrada de ferro, apesar de mal aparelhada até há pouco, quando foi encampada pela "Companhia Paulista", prestou sempre grande serviço à toda a zona, incentivando de início o povoamento e assegurando depois o escoamento constante da produção. Há alguns anos atrás, com a paralisação do tráfego devido à uma greve dos ferroviários, e atravessando as estradas de rodagem o período das chuvas, sofreu a cidade uma fase crítica, de dificuldades de toda a ordem.

Plena maturidade. — A cidade de Olímpia, refletindo as condições geográficas da região que a rodeia, surge-nos, depois desta análise, como um centro de vida estabilizada, sem grandes atividades e sem muitas oportunidades para rápido desenvolvimento em futuro próximo.

Como Olímpia, há numerosas cidades no Estado de São Paulo, funcionando como pequenos núcleos, centros de uma região agrícola ou pastoril pouco extensa, possuidores de uma vida própria e pacata e que nada deixam transparecer de seu passado tão próximo.

(16) Há linhas de ônibus que, partindo de Olímpia, vão a São José do Rio Preto, Nova Granada, Paulo de Faria, Guaraci, Barretos, Catanduva e às vilas de Icem e Baguaçu. Outras linhas vêm ter a Olímpia, saindo de Bebedouro, Barretos, Colina, Cajobi e Frutal.

O total de passageiros transportados em 1948 foi de 142.401, utilizando-se as 9 linhas existentes e os 17 carros em tráfego.

Para o transporte de cargas, duas empresas de caminhões ligam Olímpia a São Paulo, numa viagem de um a dois dias, conforme o estado das rodovias.

Nascida sob o influxo de um pioneirismo ativo, que em poucos anos transformou completamente a região coberta de florestas em campos de cultura e em pastagens, a cidade cresceu rapidamente e tomou uma fisionomia verdadeiramente urbana, com suas funções bem definidas. Não tendo ainda meio século de existência, Olímpia apresenta os mesmos característicos das cidades maduras, marcadas principalmente pela estabilização do seu crescimento. É fácil explicar a rapidez da perda de vitalidade no crescimento de Olímpia: a frente pioneira parou ao atingir as margens do Rio Grande, ao norte, pois as terras para o lado de Minas já estavam ocupadas desde há muito, e, além disso, não atraíam um novo povoamento devido à má qualidade de seu solo coberto de campos pobres; para oeste, esbarrou com a influência de São José do Rio Preto, grande empório e mesmo capital regional de uma das mais vastas áreas do Estado.

A zona de Olímpia não oferece, assim, muitas possibilidades para um novo e alentador acréscimo de população; de um lado, os seus solos esgotados por falta de uma agricultura racional e, de outro, a ausência de indústrias para criação de novas riquezas. Daí o fato da região ter-se tornado, nos últimos anos, fornecedora de elementos humanos a zonas novas, particularmente o norte do Paraná.